Revista da Disciplina de
Mobilidades Culturais

2º Semestre • 2017/2
Ano 7 • Nº 13

memória e linguagens
culturais

choques culturais

Programa de
Pós-Graduação em
Memória Social
e Bens Culturais

UNIVERSIDADE LaSalle

memória e linguagens
culturais

mobilidades culturais

Esta revista é uma criação dos alunos do curso de Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais, do Unilasalle Canoas, para a Disciplina de Mobilidades Culturais, turma do segundo semestre de 2017, sob orientação da professora Dra. Zilá Bernd.

SOBRE O MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS

O Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais (PPG-MSBC) é composto por um curso de mestrado profissional e um de doutorado acadêmico. O mestrado profissional é um diploma equivalente ao de mestrado acadêmico, autorizando o titulado a atuar no Ensino Superior. Sua vantagem em relação a um curso acadêmico é a ênfase no impacto social da pesquisa científica: para além de uma dissertação, o Mestre Profissional gera uma série de produtos técnicos que contribuem para que sua pesquisa repercuta imediatamente na sociedade – em organizações, instituições, empresas, etc. Trata-se, portanto, de um processo de formação que enfatiza a inserção profissional para além dos muros da Universidade.

SOBRE A DISCIPLINA DE MOBILIDADES CULTURAIS

Conceito de mobilidades culturais, vantagens e pontos de fragilidade. Importância da noção de mobilidade cultural em contextos de globalização e/ou de fronteira, marcados por fluxos migratórios, transferências e choques culturais. Estudo de mobilidades espaciais, temporais, discursivas e linguísticas. Exemplos de nomadismo intelectual, de movência para alteridades, de percurso e de variações culturais; passagens do nacional ao transnacional. Oficinas: Estudos de caso de mobilidades culturais

EXPEDIENTE:

Reitor
Prof. Dr. Paulo Fossatti

Diretora de Pós-graduação e Pesquisa
Prof. Dra. Patricia Kayser Vargas Mangan

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais
Prof. Dr. Lucas Graeff

Coordenadora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais
Prof. Dra.Cleusa Maria Graebin da Silva

Professora da Disciplina de Mobilidades Culturais
Prof. Dra. Zilá Bernd

Coordenadores Discentes Desta Publicação
Guilherme "Smee" Sfredo Miorando
Wenderson Pinto Farias

Projeto Gráfico e Diagramação
Guilherme "Smee" Sfredo Miorando
guilhermesmee@gmail.com

Revisão
Wenderson Pinto Farias

Fotos
Reiradas do Banco de Imagens FreePik.com
(menos quando indicadas na seção)
http://br.freepik.com

Programa de
Pós-Graduação em
Memória Social
e Bens Culturais

UNIVERSIDADE LaSalle

editorial

choques culturais

A Revista *Memória e Linguagens Culturais* é uma publicação semestral de divulgação científica vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Unilasalle. Seu objetivo é veicular produções discentes realizadas no âmbito de várias disciplinas do curso com ênfase para "Mobilidades Culturais", "Linguagens culturais e suas formas de expressão" e "Itinerários culturais". Em formato de magazine, é um canal de comunicação entre as produções de alunos de mestrado e doutorado em Memória Social e Bens Culturais e a comunidade. Sua linha editorial propõe: (1) reflexões e sugestões de itinerários, percursos e rotas culturais, buscando integrar o sistema dinâmico de relações entre história, turismo e patrimônio cultural; (2) estudos de caso de mobilidades culturais – espaciais, temporais, discursivas e linguísticas; e (3) análises críticas da noção de mobilidade cultural em contextos de globalização e/ou de fronteira, marcados por fluxos migratórios, transferências e choques culturais.

A presente publicação apresenta artigos elaborados por mestrandos e doutorandos da disciplina de "Mobilidades Culturais", desenvolvidos no segundo semestre de 2017. A proposta da disciplina neste semestre consistiu em revisitar a noção de Choques culturais na contemporaneidade.

Constituem o número atual seis artigos que, embora com temáticas divergentes, são fruto de uma reflexão no âmbito das mobilidades culturais com ênfase para encontros e choques culturais de maior ou menor intensidade. O primeiro artigo, de autoria de Guilherme "Smee" Sfredo Miorando, que é também autor do projeto gráfico e da diagramação da revista, apresenta uma atualíssima reflexão sobre pre-

conceitos ainda vigentes em nossas sociedades em relação a questões de gênero. O oportuno artigo intitulado "Feminino, masculino e a parte dolorosa do meio" representa um corajoso esforço de retratar cenas do quotidiano que servem para exemplificar que a questão da fobia contra a homossexualidade é uma constante em nossa sociedade.

Carina Falcão, mestranda do PPG MSBC e docente da Universidade LaSalle, dedicou-se, em artigo intitulado "Entre-línguas: Nomadismo identitário do sujeito bilíngue", à análise do fenômeno do bilinguismo e de suas consequências positivas para os falantes bilíngues entre os quais as passagens de uma língua à outra fazem com que "o cérebro bilíngue abrigue duas mentes independentes uma da outra".

O número atual traz reflexões no âmbito das mobilidades culturais com ênfase para encontros e choques culturais de maior ou menor intensidade.

Já o terceiro artigo, de autoria de Ades Tereza Sanchez y Vacas, apresenta uma entrevista com uma professora da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, enfocando os choques culturais pelos quais passou a entrevistada que, nascida na Colômbia, desloca-se para a França para fazer seu doutorado e finalmente passa a lecionar em Porto Alegre na Faculdade de Direito que, à época, era dirigida majoritariamente por homens. A chegada de uma mulher estrangeira, doutora em Direito, a única da casa na época, causa estranhamento e produz inicialmente alguns choques culturais.

Wenderson Pinto Farias, originário de Manaus e que desembarcou em Canoas para realizar seu sonho: cursar o Mestrado Profissional em Memória Social, analisa, em texto intitulado "No chão da África... o choque cultural", o conto de autoria de Lucia Regina Lucas Rosa e de Ronaldo Silva Lopes, *O segredo da capulana*. O referido conto, publicado no livro *Contos de crianças, Cuentos de niños, Childhood stories* , em edição trinlíngue, é "uma homenagem à criança moçambicana, sua cultura e resistência em meio às adversidades sociais". Professor da área de literatura, o autor observou com grande sensibilidade os hábitos do país africano e captou um exemplo de choque cultural entre crianças.

O quinto artigo, assinado pela doutoranda Salete Bavaresco, traz à tona novamente a questão de gênero desta feita no ambiente empresarial. Intitulado "Impacto cultural de gêneros no ambiente organizacional da contemporaneidade", o artigo aponta de maneira muito oportuna exemplos de discriminação da forma de trabalho feminina no âmbito de empresas, sendo as mulheres vítimas de discriminação o que é facilmente reconhecível pelos salários sempre inferiores das mulheres em relação aos homens para o exercício de atividades de igual responsabilidade.

Concluindo esse número, temos a contribuição do doutorando e professor do UNILASALLE, Raul Rois Scheffer Cardoso, que apresenta uma detalhada pesquisa histórica sobre as mobilidades de Antonio José de Moraes "um cirurgião português no Brasil meridional do século XIX". Natural da cidade do Porto em Portugal desloca-se para o Brasil em 1815, chegando ao Rio Grande do Sul movido por interesses comerciais e por sua curiosidade em relação à cultura brasileira. Trava conhecimento com o Barão de Guaíba ao chegar ao sul do Brasil. O interesse maior desse artigo está em apontar os deslocamentos destes dois personagens. "Através de diferentes fontes, são descritas suas trajetórias e a busca de se inserir num "mundo" novo, buscando interpretar os dife-

rentes códigos sociais que permeavam as sociedades em que viveram".

A revista apresenta ainda três resenhas . A primeira delas foi elaboradas por Guilherme Sfredo Miorando: *A memória saturada,* de autoria da historiadora canadense Régine Robin; por Carina Falcão: *Não há identidade cultural*, do filósofo francês François Julien, traduzido por Maria Luiza Berwanger da Silva e Lucas Graeff; e por Wenderson Pinto Farias: *Memória cultural, herança e transmissão*, obra organizada por Zilá Bernd e Patrícia Kayser V. Mangan e publicada em 2017 pela UnilaSalle editora, de Canoas.

AUTORAS:

ZILÁ BERND

Zilá Bernd é professora e orientadora do PPG-MSBC da Universidade LaSalle e pesquisadora 1 do CNPq. É autora de vários livros e artigos sobre memória social, estudos canadenses e questões de identidade e de hibridação cultural nas Américas.

sumário

editorial
3

sumário
6

artigos

feminino, masculino e a parte dolorosa no meio
por Guilherme "Smee" Sfredo Miorando
8

entre-línguas: nomadismo no processo identitário do sujeito bilíngue
por Carina Falcão
13

da Colômbia ao Brasil: choques culturais de uma professora universitária
por Ades Teresa Sanchez y Vacas
18

no chão da África... choque cultural
por Wenderson Pinto Farias
23

impacto cultural de gêneros no ambiente organizacional na contemporaneidade
por Salate Bavaresco
28

Antonio José de Moraes: um cirurgião português no Brasil Meridional no século XIX
por Raul Rois Schefer Cardoso
33

resenhas

A Memória Saturada, de Régine Robin
por Guilherme "Smee" Sfredo Miorando
37

Não há identidade cultural, de François Julien
por Carina Falcão
38

Memória cultural, herança e transmissão, organizado por Zilá Bernd e Patrícia Kayser V. Mangan
por Wenderson Pinto Farias
39

memória e linguagens
culturais

mobilidades
culturais

UNIVERSIDADE
LaSalle

feminino, masculino e a parte dolorosa no meio

Um dia, estava voltando da universidade no ônibus quando ouvi um homem heterossexual fazer uma voz como se estivesse imitando um gay. Então fiquei pensando com meus botões que nunca havia visto e ouvido uma mulher imitando gays. Ao que desse pensamento concluí: elas não precisam. Depois de ter escrito esse ocorrido no Twitter, pensei que essa conclusão valia uma análise mais profunda para ser ratificada ou refutada.

Acredita-se que alguns homens gays, conscientemente como as drag queens, ou inconscientemente, estão emulando as mulheres. Eles estariam fazendo uma "performance de gênero", segundo as teorias de Judith Butler, uma das teóricas que deu os alicerces para a teoria queer e que estuda representações de gênero. Na teoria de Butler, nossa identidade, seja ela de gênero ou não, está sempre sendo reafirmada em atos repetitivos. Nossa individualidade está sendo feita e refeita em atos e escolhas que fazemos no cotidiano. Portanto, escolher entre emular virilidade ou feminilidade é um grande desafio. Entretanto vários

estudos expõem que a performance da drag queen torna "possível estar e cruzar a fronteira dos gêneros, [...] sendo um meio para mapear dispositivos que funcionem em prol da ruptura das ontologias e possibilitem outras formas de vivências que resistam às categorizações socialmente construídas" (CAMPANA, 2017).

A imitação de um homem gay por um homem heterossexual tem tudo a ver com a teoria queer, cujos preceitos são a desestabilização, a mobilidade cultural de conceitos e a apropriação de arte, linguagens e meios. Portanto, um homem heterossexual imitando um gay, mesmo que para fins jocosos, está procedendo, de acordo com a crença social, uma imitação da imitação. Vale reiterar que aqui não estou analisando a homossexualidade masculina como um todo, mas a sua performatividade no imaginário popular.

O Pajubá, a linguagem das travestis, serve tanto para código sobre batidas policiais como para avisar a chegada de novos clientes.

Se o gênero fosse construído a partir de uma linguagem, como muitos teóricos como Lacan, Butler e Foucault afirmam, a imitação de um gay por um heterossexual seria uma espécie de metalinguagem. Digo isto pois a imitação de gay estaria fazendo referência a uma performatividade de gênero que o gay buscou em algo oposto à virilidade, mas que não necessariamente seria a feminilidade. Por isso, ao mesmo tempo, não poderia ser considerado metalinguagem. De qualquer forma, a atitude queer está estreitamente ligada à linguagem.

Um exemplo disso é o Pajubá, a linguagem das travestis, que serve tanto como código, avisando as meninas sobre batidas policiais ou clientes novos, como uma maneira de socialização e de identidade cultural. A atitude queer poderia ser resumida nos versos do músico tropicalista Tom Zé: "Tô te explicando prá te confundir, tô te confundindo prá te esclarecer" (1976). Portanto um heterossexual que imita um gay, mesmo que jocosamente, não sabe o quanto perto está do cotidiano homossexual, em que a apropriação e o sarcasmo são elementos essenciais. No cotidiano homossexual, o gay é diversas vezes abordado e "escancarado" como alguém de baixo nível e que deve ser desmascarado, isso tem a ver com a homossexualidade ser tachada como um "desvio sexual" pela sociedade.

Desse modo, vemos a imitação como dois caminhos. O primeiro deles no sentido de achincalhar, por parte daqueles que negam lugar para a homossexualidade; e o segundo deles, no sentido de aspirar ser, quando os alguns gays homens assumem um gestual e um falar próprio da feminilidade. Entretanto, os dois caminhos levam a um entrelugar de construção e desconstrução do gênero em que não podemos definir essa dicotomia de forma impermeável.

> Isso poderia explicar, por exemplo, por que alguns homens ficam perturbados - ou mesmo irritados - ao ver outros homens agindo de maneira "efeminada": porque esse comportamento desafia a compreensão diária de como as coisas deveriam ser no mundo. (As atrações de TV, vestidas como drags, por outro lado, não representam nenhuma ameaça, pois são apenas "entretenimento" que podem ser facilmente lidos como confirmação de estereótipos de gênero.) As pessoas possuem um investimento emocional em seu mundo, naquilo que esperam, e para alguns, determinados desvios são mais indesejáveis. Outros, é claro, não se importam. Infelizmente, esta conta não explica exatamente porque a aparência ou comportamento que cruza as fronteiras tradicionais de gênero pode ser muito mais controversa do que outras coisas inesperadas, como formas incomuns de boas maneiras ou de cores de cabelo. (GAUNTLETT, 2008, p.103)

Essa construção/desconstrução de gênero como um choque cultural, poderia ser encarada na forma como a professora Dra. Maria Luiza Berwanger da Silva vê o processo transcultural, conforme o esquema abaixo:

Ao nos depararmos com o estranho, o pathos descrito no esquema acima, acabamos comparando ele com nosso ethos, ou seja, maneira como achamos que as coisas normais devem ser e como elas decorrem na sociedade e, portanto, nos desestabilizamos. Entretanto, ao nos desmobilizar, também estamos incorporando elementos estrangeiros ao nosso modo de agir; por isso muitas vezes nos pegamos usando o mesmo cacoete de nossa família, ou falando expressões que vimos na televisão ou na internet, dessa forma acabamos remobilizando aspectos da nossa cultura.

A identidade de gênero, que hoje define os limites do masculino e do feminino, não passa de uma repetição de determinados atos sociais que reiteram ou desconfirmam ideias de como um determinado sexo deve se portar em sociedade. "Assim, o gay é para o hétero, não como a cópia é para o original, mas sim, como cópia é para a cópia. A repetição paródica do 'original' [...] revela que o original não sendo nada além de uma paródia da idéia do natural e do original". (BUTLER, 2017, p.31) A performance da identidade de gênero, portanto, não passa de uma imitação, da absorção de certos modos de agir pela sociedade, configurando, desta forma, um ato de mobilidade cultural.

Quem teria a razão? O gay ou o imitador do gay? O imitador por causa do poder social a que lhe é investido e pela condição social abjeta a que o gay é conduzido. Nesse sentido, a imitação, está imbuída de mais verdade, pois conforme Michel Foucault pressupôs, existem níveis de verdade e sua força está ligada ao poder de quem o profere. Portanto, é mais legitimado o imitador que o imitado. Ao citar Bourdieu, Judith Butler afirma que a diferença entre os atos performativos que funcionam e falham têm relação com o poder social de quem os utiliza: "aquele que é investido de poder legítimo faz o ato do discurso; o que não é investido pode recitar a mesma fórmula, mas não produz efeitos. O primeiro é legítimo, e o último, um impostor". (BUTLER, 1997 p. 146)

Entretanto a filósofa americana crê que não se pode relegar a sexualidade a um "ato" ou uma "performance", pois isso a exclui de ser considerada uma prática cultural. "Na verdade, a própria noção de prática sexual é precisamente aquela que substitui a distinção entre "ato" e "representação:" (BUTLER, 1997, p. 123). Para ela também erram aqueles que associam a homossexualidade com sua representação cultural, pois existe toda uma intrincada rede de significação entre performatividade de gênero e a representação.

Muitos queriam argumentar que a homossexualidade e sua representação cultural não são dissociáveis, que a representação não

Drag Queen.
Foto: Out Magazine.

O ator pornô e homem trans Buck Angel. Foto: Hans Rosemund

segue a sexualidade como uma reflexão fraca, mas essa representação tem uma função constitutiva e que, então, a sexualidade segue a representação como um dos seus efeitos: isto parece ser a presunção no pressuposto de que as convenções públicas organizam e tornam possível a "sexualidade" e que os atos e as práticas culturais que orquestram e sustentam os atos, por assim dizer, não podem ser estritamente distinguidos (BUTLER, 1997, p. 123).

Este processo de construção/desconstrução da identidade sexual vai ao encontro do questionamento de Silviano Santiago sobre a identidade nacional do brasileiro, em que ele declarava "ou bem nos explicamos, ou bem nos constituímos". A sexualidade - e principalmente a homossexualidade - é a única parte da identidade humana que exige uma explicação, uma forma de relatar a si mesmo para os outros, como forma de legitimação. Assim como a identidade nacional do brasileiro, os gays não são explicados, são um entrelugar entre o homem e a mulher, um local de clandestinidade, "entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e rebelião, entre a assimilação e a expressão". (SANTIAGO, 2000, p. 26).

Assim como os mestiços brasileiros, a população LGBT é um grupo transcultural, e a forma como se organiza entre si gera um novo sentido para a cultura, seja ela sexual, social, midiática ou nacional. A construção/desconstrução e o imitar/aspirar ser/performar não possui fronteiras, e o mesmo ocorre com as identidades de gênero. As fronteiras culturais, embora não pareçam, são permeáveis, pois pertencem ao imaginário e este último flui com os tempos e os sujeitos que o constróem. O ser humano, entretanto, tem esta incapacidade de imaginar algo entre dois mundos, produzindo um oxímoro (HANCIAU, 2005, p. 129). Por isso essa grande resistência na aceitação da homossexualidade e a insistência na necessidade do indivíduo pertencer ou a uma ou a outra categorização.

Ou bem nos explicamos, ou bem nos constituímos.

Discutir a existência da homossexualidade e dos indivíduos LGBTs é imprescindível porque é uma forma de irmos além das fronteiras do conhecido e encarar novas culturas e formas de pensar o ser humano. "Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, [...] é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente". (BHABHA, 1998, p. 19). Podemos dizer que na fronteira entre o feminino e o masculino há uma zona de litígio que nem o viril nem o feminino disputam como seu, mas que é reivindicado pela política queer como algo pertencente ao LGBT. Portanto, a definição da homossexualidade está muito mais na diferença do que na identidade, uma vez que grande parte dos LGBTs não estão em conformidade com os conceitos pré-determinados de masculi-

nidade e de feminilidade, em um processo contínuo de legitimação e configuração, a construção/desconstrução que falamos anteriormente.

Se é o desejo que move a sexualidade e, portanto, as identidades de gênero, a necessidade de reconhecimento faz mover as políticas sexuais, e/ou a política queer. Este reconhecimento faz parte do tríptico da professora Maria Luiza, em que é preciso Mobilizar para Desobilizar e então Remobilizar identidades sexuais e de gênero para que elas ganhem, ironicamente, estabilidade e certa fixidez para que possam atender a esse desejo de reconhecimento e legitimação. Esse trânsito mobilizado pelo desejo sexual e de reconhecimento situa uma instância da aquisição de poder, como atesta o psicanalista Frantz Fanon:

> No momento em que desejo, estou pedindo para ser levado em consideração. Não estou meramente aqui-e-agora, selado na coisitude. Sou a favor de outro lugar e outra coisa. Exijo que se leve em conta minha atividade negadora na medida que persigo algo mais do que a vida, na medida em que de fato batalho pela criação de um mundo humano - que é um mundo de reconhecimentos recíprocos. (FANON apud BHABHA, 1998, p. 30)

Sendo assim, o homem hétero que imitou um gay no ônibus, está, de certa forma, reconhecendo o gay. Seja como uma forma de performance do feminino ou como uma identidade social . Essa performance, que sendo reiterada e repetida, mesmo que de forma jocosa e estereotipada, acaba construindo a identidade queer. Afinal, na mente daquela pessoa no ônibus, ser gay é falar e se expressar de uma maneira afetada e afeminada, embora essa não seja uma regra. O que caberia, como uma boa representação da política queer seria desestabilizar ou ainda desmobilizar o estereótipo. Eu poderia ter chegado para o homem e perguntado se ele queria sair comigo e sentar no colo dele, produzindo, então a tal "atividade negadora" que Fanon citava acima, buscando um outro lugar e outra coisa para os LGBTs. Assim, a identidade LGBT ou queer fica pairando como a terceira margem da sexualidade humana, expressão que dá título a um conto de João Guimarães Rosa. No conto, a terceira margem é um lugar onde nossa barca não atraca, mas que está sempre navegando, em eterna fluidez. Assim também é a identidade, mas mais precisamente a identidade de gêneros dos considerados "desviantes da regra", os outsiders. Passam os anos, a sociedade e o cotidiano mudam, e permanecem lá, num limbo, num entre-lugar que não tem porto seguro exatamente por causa da origem dessa pertença: "da parte de além", como o pai exilado do protagonista de A terceira margem.

Bibliografia:

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 1998.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. Excitable speech: a politics of the performative. New York, Routledge, 1997.

CAMPANA, Natalia Sato. O ato político por trás da drag queen: desmontando o essencialismo dos gêneros. Dissertação (Dissertação em Psicologia Social). USP, São Paulo, 2017.

GAUNTLETT, David. Media, gender and identity: an introduction. Segunda edição. Londres: Routledge, 2008.

GUIMARÃES ROSA, João. Primeiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

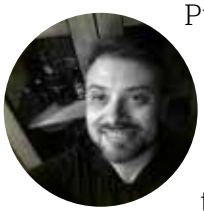
HANCIAU, Nubia Jacques. Entre-lugar. In FIGUEIREDO, Eunice. (org.). Conceitos de literatura e cultura. Rio de Janeiro, Editora UFJF/EdUFF, 2005.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____, Uma literatura nos trópicos. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

ZÉ, Tom, Tô. In: Estudando o Samba. São Paulo: Continental, 1976.

AUTOR:

GUILHERME "SMEE" SFREDO MIORANDO



Publicitário, designer, professor de roteiros e escritor. Especialista em Imagem Publicitária e mestrando em Memória Social e Bens Culturais.

entre-línguas: o nomadismo presente no processo de formação identitária do sujeito bilíngue

Ao longo dos últimos anos, pesquisas vem sugerindo que falar duas línguas pode ter efeito profundo no modo como pensamos e agimos. O aprimoramento cognitivo é apenas um detalhe dentro de um todo muito mais amplo. Memórias, valores e, até mesmo, a personalidade podem mudar, dependendo da língua que falamos. Dizendo isto de outra maneira, é como se o cérebro bilíngue abrigasse duas mentes independentes uma da outra. Para darmos sequência ao nosso artigo, vamos delimitar o que trataremos aqui por bilinguismo.

Ao falarmos sobre um sujeito bilíngue, a maioria das pessoas, automaticamente, pensa em um sujeito que tem controle de duas ou mais línguas de maneira semelhante à dos nativos. Porém, essa definição tem sido cada vez menos realista na sociedade contemporânea, pois se considerarmos como bilíngues apenas aquelas pessoas que se passam por nativas da língua, estaremos desconsiderando todas aquelas que usam regularmente duas línguas, mesmo que não possuam aquilo que consideramos fluência. Neste artigo, portanto, trataremos como bilíngues aquelas pessoas que usam duas ou mais línguas (ou dialetos) diariamente.

Assim, dentro desta definição poderemos incluir pessoas que vão desde o trabalhador migrante que fala com certa dificuldade a língua do país anfitrião até a criança que nasceu num lar que já era bilíngue e tornou-se totalmente fluente nas duas línguas desde muito cedo. Apesar da grande diferença existente entre esses dois exemplos mencionados acima, ambos compartilham uma mesma característica: a convivência diária e a necessidade de utilização de duas ou mais línguas.

Estar neste entre-lugar linguístico leva o sujeito a desenvolver diferentes competências nessas línguas.

Essa convivência e necessidade de utilização das línguas podem ter se dado por diversos fatores que vão desde um casamento entre pessoas de culturas diversas até uma possível migração. O fato é que estar neste entre-lugar linguístico leva o sujeito a desenvolver competências nessas línguas, na medida em que as necessidades surgem, isso quer dizer que ele vai utilizar as línguas em situações diferentes, como no caso de uma criança brasileira que vive nos Estado Unidos, por exemplo, que utilizará o português dentro do ambiente familiar e o inglês dentro do ambiente escolar. Isto faz com que os bilíngues adquiram e usem suas línguas com diferentes propósitos, em tempos e espaços, pois as necessidades de uso de cada uma delas são normalmente muito diferentes. É justamente por isto que podemos dizer que os bilíngues raramente desenvolvem a mesma fluência nas duas línguas, visto que o nível de fluência atingida numa língua dependerá da necessidade de uso. É, portanto, "perfeitamente normal que certos domínios e tópicos sejam cobertos pelo léxico de uma língua, outros pelo léxico da outra língua e alguns poucos pelas duas." (GROSJEAN, 2008, p. 165).

Conforme o ambiente vai mudando, determinadas habilidades linguísticas vão sendo mais ou menos exigidas e as necessidades de uso das línguas vão se delimitando, as competências em cada língua também vão se formando e, estas competências, variam de acordo com as necessidades e a configuração linguística de cada pessoa envolvida neste processo.

Nubia Jacques Hanciau, em seu artigo chamado *O Entre-lugar*, menciona um texto de Guimarães Rosa chamado "A terceira margem

do rio", no qual o autor cria ficcionalmente um espaço intermediário ao falar de seu personagem que ao querer alienar-se da rotina de sua vida mantém-se em constante deriva, vagando pelo meio do rio. Usando a mesma metáfora do barqueiro, podemos dizer que o sujeito bilíngue, não vaga pelo meio do rio, mas ora está em uma margem, ora está em outra. Porém nesse trajeto de ir de uma margem para outra, ele leva consigo, galhos, plantas, algas, que se fixam no casco do barco, mas que são pertencentes a uma das margens somente. Assim, ao chegar do outro lado, o barqueiro carrega marcas do lado que estava antes. Além disso, podemos imaginar também, que na margem esquerda do rio o qual o barqueiro se encontra faz muito sol, o que o leva a navegar por muito mais tempo pela margem direita e somente por um curto período de tempo pela margem esquerda. Esse importante detalhe, pode fazer com que o barqueiro navegue com muito mais destreza pela margem direita e navegue com mais cautela pela margem esquerda.

Através da metáfora percebemos um fenômeno que tem sido amplamente pesquisado dentro da literatura bilíngue. Este fenômeno faz com que os bilíngues encontrem-se dentro de um continuum situacional que os leva a modos de expressão distintos. De um lado, ou de outro deste continuum há o modo monolíngue, no qual eles escolhem uma das línguas e interagem somente nela - muito embora a outra língua acabe algumas vezes influenciando - no meio disso, ou seja, antes de chegar as margens, o bilíngue está no próprio modo bilíngue, no qual sujeitos interagem com outros sujeitos bilíngües, compartilhando suas línguas de forma mista, emaranhada, entre-cruzada. Achar esse continuum bilíngue é como encontrar um lugar antropofágico, no qual, haverá uma mistura ao mesmo tempo sutil e complexa dos elementos culturais e linguísticos ali existentes.

É importante ressaltarmos que a desativação de outra língua raramente é total como percebermos na metáfora quando dissemos que galhos, algas, plantas de uma margem poderiam fixar-se no casco do barco e, assim, atravessariam com o barqueiro para a outra margem. Isso quer dizer que sempre haverá interferências que os bilíngues produzem, ou ainda, alguns desvios entre línguas. Por exemplo, as interferências produzidas por um francês falando inglês são normalmente mais perceptíveis, quanto ao nível fonético.

Além disso, se o bilíngue possui uma competência limitada em uma de suas línguas, devido ao ambiente de uso ser limitado, haverá um desvio formador de uma interlíngua que é é o sistema de transição criado pelo falante, ao longo de seu processo de assimilação das línguas, ou seja, é uma linguagem produzida que se caracteriza pela interferência da língua mais utilizada pelo sujeito. Isso quer dizer que se eu falo inglês e português, morando nos EUA, num estado com poucos latinos, em uma situação em que o português só é falando dentro de minha própria casa, chegará o momento em que o inglês, por ser a língua de maior usabilidade causará interferências no português que é a língua em menor uso.

A desativação de uma língua raramente é total.

> Estes desvios incluem generalizações excessivas (por exemplo, usar verbos irregulares como regulares), simplificações (omitir marcadores de tempo e plural, trocar as funções das palavras, simplificar a sintaxe, etc.), assim como correções em demasia e o não-uso de certas palavras e expressões. (GROSJEAN, 2008, p. 167).

Acaba acontecendo que essas interferências linguísticas vão influenciando no modo

de vida do sujeito, pois o frequente reposicionamento entre uma língua e outra, requer deslocamento, requer que um novo processo identitário surja através dessa tensão entre o enraizamento e a errância. O sujeito bilíngue vive diariamente naquilo que, em seu livro *O Tempo Retorna*, Maffesoli chama de "pulsão nômade" - o sujeito vive no vai e vem, na dialogia entre as línguas, num movimento que é ao mesmo tempo dinâmico e estático, ele é um sujeito plural, ao mesmo tempo que é uno, sujeito que é ele próprio, ao mesmo tempo que é o outro.

O sujeito bilingue vive diariamente em um diálogo entre as línguas, sendo, ao mesmo tempo, si mesmo e um outro.

Percebemos então que as regras de gramática, a sintaxe o vocabulário, as necessidades próprias de cada língua dão a elas sua singularidade e, por conseguinte, podem dar essa singularidade ao sujeito que fala tal língua. A língua pode ser um ponto de abertura para alguns horizontes, assim como pode ser um ponto de fechamento para outros. A língua nos permite falar de certas maneiras, assim como nos obriga a falar de outras. Podemos dizer, assim, que a língua e a cultura e linguagem andam lado a lado, de mãos dadas, moldando uma a outra. Assim, dizemos que o sujeito bilíngue é um sujeito flutuante entre uma cultura e outra a todo momento.

Observando há anos essa característica flutuante na aculturação do sujeito bilíngue, alguns deles próprios relatam que quando mudam a língua, sentem que também mudam suas atitudes e seus comportamentos. Em um ensaio recentes publicado sobre o assunto, o editor do New Republic, Noam Scheiber disse que parou de falar em hebraico, devido ao impacto que a língua tinha em sua personalidade. Scheiber afirmou que se tornava muito mais frio e menos articulado ao falar em hebraico, e que se comunicar em inglês despertava sua sensibilidade, paciência e um maior nível de empatia. Este fato tem sido frequentemente relatado na literatura:

> alguns bilíngües apresentam ligeiras diferenças de opiniões, dependendo da língua que estão falando; outros são mais autoritários em uma das suas línguas; outros são mais reservados ou gentis, etc. Daí é possível concluir que existe um pouco de verdade no provérbio checo, "Aprenda uma nova língua e ganhe uma nova alma". (GROSJEAN, 2008, p. 174)

Ao que parece, portanto, mudar de língua desencadeia diferentes atitudes, impressões e comportamentos e, acontece devido a uma mudança situacional e de interlocutor - em outras palavras, podemos dizer que é o meio ambiente como um todo que causa no bilíngüe mudanças de língua juntamente com atitudes, sentimentos e comportamentos. À medida que a língua vai cumprindo seu papel vai também moldando, filtrado, expondo, calando, certos aspectos. Isso faz com que cada um seja forçado a prestar atenção a pontos específicos do discurso e, como consequência, a pontos culturais específicos - cada língua tem seus padrões e distinções. Assim, alguns conceitos culturais mais básicos podem ser perdidos, entre uma língua e outra. No entanto, para o bilíngue isso funciona de maneira um pouco diferente, visto que ele vive num entre-lugar linguístico, num lugar além de uma língua ou de outra, mas num lugar comum a uma língua e outra. Isso desencadeia não só uma mudança linguística a nível cognitivo, mas também a nível cultural, os bilíngües geralmente mudam de uma cultura para outra em suas interações, tornando-se assim sujeitos inter-culturais.

Hanciau, ao falar de entre-lugares diz que achar esse ponto, no qual se possa juntar propositalmente os contrários, faz nascer uma nova realidade, uma nova identidade. Para nós, esses contrários são aqui uma língua e outra, e para o nascimento dessa nova identidade, podemos dizer que eu não apago o que foi estruturado dentro das limitações de um idioma, mas também não deixo de formar um outro eu nos limites do outro idioma. Assim, me construo, desconstruo e reconstruo a cada dia, no vai e vem das línguas que falo, intercalando entre o eu e uma alteridade do próprio eu.

Muitas pesquisas ainda precisam ser feitas, para que tenhamos um maior detalhamento do funcionamento cerebral dos bilíngues e de como isso se reflete culturalmente. Porém, o que é inquestionável é que há mudanças cognitivas em sujeitos bilíngues e que há mudanças comportamentais, culturais e identitárias, como consequência disto. Todos os aspectos aqui citados são prova de que a percepção de um sujeito bilíngue não é a mesma de um sujeito monolíngue. Mesmo que tais aspectos ainda sejam especulação, traços ou sintomas, eles devem ser tomados como testemunho de que há este lugar intermediário no âmago do sujeito bilíngue, no qual ele é o sujeito e o outro dentro das limitações de cada uma de suas línguas.

As consequências para os sujeitos bilíngues podem ser tanto cognitivas, quanto comportamentais, culturais e identitárias.

REFERÊNCIAS

GROSJEAN, François. Bilinguismo Individual. Tradução de Heloísa Augusta Brito de Mello e Dilys Karen Rees. Revista UFG. Dezembro 2008, Ano X. no 5 p. 163-176

HANCIAU, Nubia Jacques. O Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, E. Conceitos de literatura e cultura. Juiz de Fora:Editora UFJF/Niterói:EdUFF, 2005, p. 215-141.

MAFFESOLI, Michel. O tempo retorna - formas elementares da pós-modernidade. Editora Forense LTDA. RJ, 2012.

AUTORA:

CARINA NUNES FALCÃO

Professora de Língua Inglesa, Especialista em Produção e Revisão Textual, e Mestranda em Memória Social e Bens Culturais

da Colômbia ao Brasil: choques culturais de uma professora universitária

Este artigo é resultado de entrevista sobre a trajetória da docente Professora Doutora Martha Lucia Olivar Jimenez, da Faculdade de Direito da UFRGS, e seus 26 anos de permanência no Brasil. O enfoque é de averiguar como se deu essa trajetória nesse mundo globalizado, analisando a relação, os aspectos, e os choques culturais.

A entrevista com a referida professora versa sobre sua trajetória e suas experiências ao chegar a um país diferente de seu país de origem e sobre os choques culturais que resultaram de sua permanência no exterior. A Professora Martha Lucia é referência na Faculdade de Direito da UFRGS, por ser a primeira professora estrangeira com doutorado a ser contratada para ministrar aulas no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Direito, tradicional instituição e praticamente de domínio de docentes homens tanto em sala de aula quanto na gerência administrativa.

Em 1991, a Professora Martha integra o quadro de docentes de nível superior, sendo doutora nesta renomada instituição pública começando, assim, uma nova fase de pesquisadores docentes na colenda instituição, que reúne pesquisadores nacionais e estrangeiros. A entrevista foi gravada em Porto Alegre, no dia 6 de dezembro de 2017, com o apoio da acadêmica Ades Teresa Sanchez y Vacas, na sala da Comissão de Extensão da Faculdade de Direito da UFRGS, sito à Avenida João Pessoa, 80, sala 13. Bairro Centro – Porto Alegre RS.

Embates de fronteira podem confundir nossas definições de tradição e modernidade e desafiar expectativas.

A relação entre memória e mobilidades culturais e a compreensão da mobilidade cultural da entrevistada através do território transfronteiriço serão evidenciadas por meio de entrevista na qual serão demonstrados os choques culturais, as ideias, a cultura local, os costumes etc, os quais são considerados por Bhabha (2014) como "embates de fronteira acerca da diferença cultural que têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, [...] assim como desafiar expectativas normativas de desenvolvimento e progresso" (p. 21).

A referida docente é pesquisadora, transformadora de ideias, memórias e cultura durante seus vinte e seis anos em um novo país (Brasil), e formando um novo espaço de convivência. A entrevistadora, por sua vez, interessou-se sobre a mobilidade e os possíveis choques culturais resultantes da chegada da professora, além da manifestação da receptividade, do acolhimento, das oportunidades em outro país, no caso no Brasil.

Para entender a entrevista é necessário entender os motivos que trouxeram a professora Martha para nosso país. A professora conheceu seu esposo na época de sua formação no doutorado na França. Casaram-se e voltaram para o Brasil, terra de origem do marido e seu local de trabalho. Desde o início da entrevista temos presente a língua materna (espanhola), bem como a memória individual, e como se torna memória coletiva:

> A primeira questão: os choques culturais. Quando cheguei aqui tinha 27 anos e tinha terminado o doutorado na França não sabia falar português e pensava que com o espanhol iria ser fácil aprendê-lo, depois me dei conta de que era realmente muito difícil. São duas línguas bem distintas (a sintaxe e a fonética de uma e da outra). Nos meses seguintes de minha chegada comecei a usar a estrutura do francês para poder comunicar-me. A língua foi realmente uma barreira bastante importante e superá-la toma tempo além do mais eu não tinha amigos, o que não facilita a comunicação. O primeiro ano foi realmente bastante complicado e não tive trabalho[...].

A professora de direito da UFRGS, Martha Lucia Olivar Jiménez. Foto: Arquivo pessoal.

Estátua de Simón Bolívar, libertador da Colômbia

Ao descrever sua ida à universidade e como foi sua recepção pelo então coordenador de pós-graduação da Faculdade de Direito e novamente como se deu o impacto por ser mulher jovem e com doutorado, mesmo com toda a formação foi-lhe oferecido um trabalho não de menor importância. Não bastava ser doutora para agregar e compor o quadro de docentes do programa e assim foi-lhe oferecido um lugar de pesquisa, longe das salas de aulas, mas que considerou como sua primeira independência, por ganhar um valor e poder cobrir seus custos:

> [...] a primeira vez que fui a Universidade Federal me encontrei com o então diretor do mestrado, pois não era doutorado ainda, Clovis do Couto e silva. Ele se interessou em vincular-me ao curso pois não tinha ainda professores doutores. Fui a primeira mulher a chegar naquela época com doutorado na universidade. Inicialmente ele me ofereceu participar de um projeto de realização de resenhas de revistas estrangeiras, principalmente de revistas francesas, para a biblioteca. Foi a primeira forma de vínculo com a UFRGS que teve, uma indexação de artigos dentro da biblioteca e me pagaram por trabalho. Para mim isso representou independência e um começo. [...]

A dedicação de fazer a indexação da revista na biblioteca reforçou o seu conhecimento junto à instituição dando, assim, espaço e oportunidade para que fosse convidada a compor o quadro docente no programa de pós-graduação do Direito, e que novamente causou descontentamento de algumas professoras. Nesse momento, o contexto que a professora se encontrava era de emoção à flor da pele, pois demonstrava o poder que as pessoas tinham sobre os imigrantes e o quanto os mesmos eram rejeitados, ou seja, a "atividade negadora é, de fato, a intervenção do 'além' que estabelece uma fronteira: uma ponte onde o 'fazer-se presente' começa porque capta algo do espírito de distanciamento que acompanha a re-locação do lar e do mundo" (BHABHA, 2014, p. 31).

O contexto em que a professora se encontrava demonstrava o poder dos nacionais sobre os imigrantes.

> O Professor Clovis do Couto e Silva iniciou um processo de vinculação ao Mestrado, inicialmente mediante uma bolsa de recém doutor em 1991 para fazer basicamente pesquisa por quatro anos, até esse momento não tive maiores problemas. No momento que ele propôs contratar-me e abriu um processo administrativo para ter um contrato dentro da universidade por 4 anos houve uma resistência bastante grande de algumas professoras que obviamente não tinham nesse momento título. Meu contrato foi alterado, mesmo sendo padrão, para colocar algumas cláusulas que permitiam ao coordenador do mestrado me demitir a qualquer momento. [...]

Ao lembrar a oportunidade em ser contratada e ao assinar o contrato sentiu na pele que a rejeição era vidente, mas isso não causou intimidação por parte da professora. Ela prosseguiu seu caminho.

Mais uma vez a presença da negatividade e da falta de receptividade do imigrante. Mas o destino resolveu ajudar a professora, podendo, assim, concluir o seu contrato, pois as pessoas que detinham o poder administrativo e pedagógico já não estavam mais em cargos de chefia.

> Quando fui assinar o contrato no departamento de pessoal, uma pessoa disse: nossa eu queria muito conhecer a senhora, pois pela primeira vez um contrato padrão foi alterado e nós queríamos saber quem era o "sujeito", comentei como as cláusulas eram arbitrárias e ela me explicou: Professora a senhora não tem muita opção, ou você assina ou você não tem contrato, e eu assinei. Uns meses depois o Coordenador faleceu no RJ e obviamente foi um tal tumulto que ninguém se lembrou de mim, então pude concluir meu contrato sem nenhuma perturbação.

Com o término do contrato a entrevistada teve que novamente trilhar novos voos e dessa vez em intuição privada, que, em seu discurso, menciona a diferença da filosofia das intuições públicas e novamente a sua experiência não foi a das melhores alegando que adoeceu nesse período e que se não saísse acabaria mais doente ainda, demonstrando mais um ponto negativo.

> Aí depois a PUC me chamou para trabalhar e como não tive perspectiva de concurso em Direito internacional me vinculei a essa universidade por 5 anos e tive que enfrentar as dificuldades que qualquer professor enfrenta na universidade privada cuja filosofia é bastante diferente a da Universidade Pública. Esperei realmente pelo concurso dez anos. O concurso foi pressionado pela faculdade de sociologia onde a Professora Suzana Soares estava criando um mestrado de integração e precisava de doutores. Esse Curso foi fundado com recursos de um programa CAPES. O começo num país estrangeiro é sempre difícil. Agora mesmo na Inglaterra em situação muito mais favorável de emprego encontrei igualmente dificuldades. [...]

Nem tudo é negativo na vida da professora: ao falar sobre os estrangeiros revela que, apesar de muitas diferenças e impedimentos encontrados com a sua vinda para o Brasil, teve muitas coisas boas e positivas.

Fachada do prédio da Faculdade de Direito da UFRGS. Foto: Assessoria de Comunicação da UFRGS

Recorda que não conhece nenhum estrangeiro que não tenha tido oportunidades e, nesse momento, recorda que surgiu a oportunidade que tanto queria: o concurso na área de sua formação e que assim teria a tão esperada oportunidade em fazer o concurso para ser professor da tradicional instituição de ensino. Lembra também nesse momento que havia muitas diferenças como o ambiente, o clima e a cultura local, mas nada disso desestimulou-a e sim só reforçou sua vontade de estar na universidade, conseguir o seu emprego e aprender com acerca da nova cultura - brasileira. Diante disso, Hall (2003, p. 44) nos fala: "cultura não é apenas uma viagem de descoberta, [...] a cultura é uma produção [...] nos faz capacitar, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos.

> Em relação os pontos positivos, o Brasil tem muitos, sempre foi um país bastante aberto (pelo menos até agora) que oferece oportunidade únicas, eu pude fazer o concurso pois a lei nesse momento permitia a contratação de estrangeiros. Além do mais as pessoas são amáveis o que ajuda para a adaptação. [...]

As amizades no decorrer desse período foram muito importantes para que a professora pudesse se manter emocionalmente equilibrada, uma vez sua a família não estava próxima. Fato esse que se revela como um ponto positivo, pois os amigos eram como se fossem a sua própria família. E voltar a trabalhar na universidade revela com certo alívio, pois declara que mesmo com as dificuldades que possa a vir encontrar na instituição, não se compara com as privadas. Nas universidades privadas todos os problemas são resolvidos de forma bem menos calorosa do que nas públicas.

Cultura não é a penas uma viagem de descoberta, é uma produção de nós mesmo como novos sujeitos.

> Eu fiz amigos e até hoje os mantenho, isso ajudou muito a superar as dificuldades e mesmo que na Universidade às vezes as coisas possam ser problemáticas, é um ambiente muito mais caloroso que em outros lugares do mundo.

A entrevistada finaliza mencionando que o choque cultural não foi só um impacto muito grande em sua vida, mas também a deixou com a sensação de estar vivenciando experiências novas, um tipo de "sensação familiar e profundamente moderna de deslocamento, a qual – parece cada vez mais – não precisarmos viajar muito longe para experimentar" (HALL, 2003, p. 26). E como se isso não bastasse, ela chegou ao Brasil no período de hiperinflação e que estava começando uma estabilidade econômica. Isso era muito difícil para um estrangeiro entender o que estava acontecendo. E assim, a professora Martha Lucia Olivar Jimenez encerrou falando que está até hoje na faculdade, sempre envolvida em projetos e atividades acadêmicas em prol da academia e dos acadêmicos e que, apesar dos choques iniciais sua experiência de mobilidade cultural da colômbia para o brasil, passando pela França, foi das mais enriquecedoras..

REFERÊNCIAS:

BHABHA, Homi K. Locais da Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora. Reflexões sobre a terra no exterior. In: SOVIK, Liv (org.). Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

AUTORA:

ADES TERESA SANCHEZ Y VACAS

Técnica administrativa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Formada em Licenciatura em Letras. Mestranda em Memória Social e Bens Culturais.

No chão da África... o choque cultural

No contexto atual, pesquisas e estudos sobre os conflitos de indivíduos inseridos numa nova cultura diferente da sua e as ações comportamentais resultantes dela vêm chamando atenção de vários estudiosos interessados pelo tema. Esta temática é chamada de choque cultural que parte do entendimento dos aspectos formativos da cultura e a gênese do sistema cultural dos sujeitos.

As discussões acerca de choque cultural ganham força hoje, entretanto não foram traçadas recentemente. Esse fenômeno foi analisado pela primeira vez por Kalervo Oberg, antropólogo e economista, em 1954, no seu *Cultural Shock* no qual descreveu que o choque cultural é o resultado do contato do sujeito com uma nova cultura, causando, não só desordem às informações culturais trazidas de seu local de origem, como também, dificuldades na assimilação de novos padrões de conduta, impulsionando, assim, rejeição às regras sociais que lhe causa estranhamento.

Simplificando as ideias de Oberg, choque cultural é a dificuldade que o sujeito tem para se adequar a uma cultura diferente da sua, provocada

por alteração no seu contexto original que necessita de adequações para um bom convívio; desencadeia um momento de desorientação, frustação, perda e ansiedade, experimentado por esse sujeito em um novo espaço cultural.

A partir dessas ideias, a fim de discutir a questão, optou-se em analisar o conto *O segredo da capulana* de Lúcia Regina Lucas da Rosa e Ronaldo Silva Lopes acerca da temática choque cultural. Publicado no livro *Contos de crianças, Cuentos de niños, Childhood stories* de edição trilíngue, o texto, como os autores colocam em nota de rodapé, é "uma homenagem à criança moçambicana, sua cultura e resistência em meio às adversidades sociais" as quais eles tiveram conhecimento quando realizaram um trabalho voluntário pela Rede La Salle, na Beira, Moçambique, entre 2012 e 2013.

Choque cultural é a dificuldade que temos de nos adequar a uma cultura diferente da nossa.

Com um alto tom poético e respeito às limitações da alma humana, Rosa e Lopes nos fazem refletir sobre os embates culturais experimentados pela personagem Milea e sua amiga Liloca numa África encantadora, comovente e inquieta até então desapercebida. Dito isto, mostraremos alguns aspectos dos choques culturais analisados no conto.

> O mundo de Milea é feito de miséria e sobrevivência!
> Não é só a fome permanente ou o perigo iminente de contaminar-se com SIDA ou ser picada gravemente pelo mosquito da malária... é a fome de todo o dia, é a sede de cada minuto...

Na abertura do texto, os autores mostram o contexto no qual Milea está inserida. Já percebemos o primeiro choque não só cultural, mas também social, econômico e político, os quais sabemos que existem, mas muitas vezes não fazem parte de nosso dia a dia. Sobre estes impactos Bhabha (2014, p. 20) comenta que são eles que "dão início a novos signos da identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade". Isto é a descrição do mundo dessa personagem, representação de uma realidade vivida por milhões de crianças africanas assim como ela.

Após essa breve abertura textual, vemos a escola moçambicana como espaço organizado para o ensino e a aprendizagem, promotora de choques culturais como observamos:

> No colégio, o desafio de compreender aquela língua que não é a mesma falada em casa... e eis que Milea vai para a escola pela primei-

Still de vídeo de instrução de como usar a capulana. Foto: YouTube

ra vez e faz amizades por lá:
- Eu estava sem vontade de vir pra a escola.
- Por quê? Pergunta Liloca.
- Porque é um mundo novo, de pessoas que estão a estudar há tempos e eu estou a chegar agora.
- Não fiques a te preocupar com isto, Milea. Quando eu estive pela primeira vez neste colégio, eu estava a ficar com a cabeça assim, outras chamavam sua mamã e eu não.

De Milea foram exigidos esforços para entender ações e atitudes vivenciadas na escola que não eram processadas em sua comunidade. Esforços feitos para interpretar os significados de uma nova língua, de contextos não verbais, comportamentais, contextuais e sociais das comunicações.

Notamos assim que barreiras na comunicação aumentaram a sensação de desconexão com o novo ambiente e se tornaram obstáculos na criação de novos relacionamentos, deixando Milea desconfortável naquele ambiente; percebemos, assim, o que faz Milea se sentir à vontade "não é apenas aquilo que é evidente e imediato como a língua comum. Até porque essa mesma língua não nasceu só para unificar, mas também para demarcar a fronteira da diferença" (COUTO, 2013, p. 199).

As barreiras na comunicação aumentam a sensação de desconexão com novos ambientes, nos deixando inquietos.

Entretanto, Milea encontrou uma aliada, Liloca, que a conforta dizendo que todo esse desconforto já sentira na pele e que "estariam no mesmo barco" para enfrentar esses desafios.

> E assim seguiram-se os dias com os desafios constantes para Milea. Liloca não tocou mais no assunto, mas percebeu que sua amiga usava a mesma capulana todos os dias, provavelmente, era a única que possuía. Aliás, ela virara alvo de olhares na sala de aula.

Nesse contexto Milea ficou em evidência, pois notaram o uso da mesma capulana e isto se tornou uma curiosidade dos colegas de sala de aula. Esta bisbilhotice será desvendada mais à frente num discurso emocionante e revelador de Milea a sua amiga Liloca.

Essa curiosidade se torna um embate entre Milea e seus colegas que, aos poucos, toma uma proporção de crise pessoal e de socialização:

> Passaram-se os dias e a vida entre colegas nem sempre é cordial. Um dia, Milea viu-se cercada por meninas que perguntavam:
> - Tu guardas um segredo com esta capulana?
> - Não há segredos nem verdades, o que há é a vida a machucar as pessoas...
> - Queremos que digas o motivo de teu jeito de ser para dentro de si, sem entender-se a amizades... estamos cá a oferecer nossos sentimentos e tu recolhe-te sem palavras a nos dizer...

No momento de contato com uma nova cultura fatalmente existirão choques culturais que podem provocar crise. E como vimos no trecho acima foi o que aconteceu com Milea. O contato com os colegas de sala de aula começou com pequenas dificuldades e aos poucos se tornou um problema e as diferenças causaram um tom de desrespeito individual na percepção de Milea. E isto "não se trata de simpatia apenas no sentido do trato agradável, mas na capacidade de cada um ser todos os outros e deixar que esses outros façam morada em nós" (COUTO, 2013, p. 198). Isto a faz perceber que os indivíduos daquele novo cenário são insensíveis em relação as suas dificuldades, causando um sentimento de rejeição pelos outros e pela escola.

Não se trata de simpatia apenas no trato agradável, mas em deixar que os outros façam morada em nós

Essas manifestações práticas do choque cultural suscitam um processo de isolamento por parte de Milea. No conto, os autores não falam claramente, mas percebe-se que um dos motivos do estresse sofrido pela menina é por conta de seu

Crianças moçambicanas

contato com a nova cultura e seus impactos psicológicos, culminando com sentimentos de estar fisicamente debilitada.

> E isso ficou a se prolongar por muito tempo, até que a menina caiu doente e passou a ficar em casa, a ausentar-se da escola. Logo à primeira semana de ausência, Liloca, sempre preocupada com a amiga, foi a sua casa e, para surpresa, era a única casa com utensílios, mesa e cadeiras, mesmo assim preferiu usar a esteira da varanda.

Cumprindo a promessa feita "estamos juntos!", Liloca vai ao encontro de sua amiga doente; ao chegar sofre um impacto, pois, pela sua surpresa, sua realidade é outra comparando aquilo que encontrou na comunidade de Milea. Liloca tem a mesma percepção daquilo já comentado anteriormente: sabemos que os problemas sociais e econômicos existem, mas muitas vezes não fazem parte de nosso dia a dia.

Mesmo surpresa, Liloca transmite uma postura de humildade ao preferir conversar na varanda sobre uma simples esteira e escutou o segredo em relação à insistência do uso da mesma capulana todos os dias, que causou a suas dificuldades em sua socialização com seus colegas e consequentemente sua doença.

> - Era uma vez, isto há muito tempo, havia duas irmãs: Nasai e Nizuma. As duas trabalhavam na machamba pela manhã e pilavam à tarde. Cantavam muito, e com seu canto espantavam a tristeza das dificuldades da vida. [...] Tanto cantou que sua voz ecoou pelas zonas mais longínquas e seu canto fez-se ouvir por muitos pretendentes. [...] Foi quando apareceu na cidade de Beira, um homem que prometeu vida farta de comidas para Nizuma. [...] Chegando à nova casa, [...] Nizuma se recolhia em seus sentimentos. Não conseguia mais trabalhar, já que estava sem forças e ficava com os olhos no vazio da aldeia. Deixou para filha um conselho: "quem vem de longe está a trazer outras vidas". [...] A seguir, Nizuma morreu. No outro dia, os sogros também morreram e sua filha fez o caminho de volta. E assim vive até os dias de hoje...

Nessa parte do texto, a memória de Milea é reconstituída por meio de fatos, traços, vestígios e ensinamento. Um passado sofrido, num contexto extremamente machista, vivido tanto por ela, quanto pela sua mãe, que afetou sua autoestima, seu bem-estar.

Como percebemos no trecho anterior e no próximo, abaixo, esse passado vem à tona e se torna um choque pessoal e impactante para Milea no presente quando a nova cultura trangride suas verdades pessoais e culturais no que diz respeito a valores morais e crença, constituídos na comunidade de origem, criando e desfazendo "fronteiras feitas como se fossem pontes para a outra margem do tempo" (COUTO, 2013, p. 206): fator contributivo para um comportamento desorientado aliado à inadaptabilidade da personagem na escola.

E o diálogo continua:

> Num diálogo a passar horas, convocaram lembranças trazendo vozes do passado e sem dar-se contas do tempo, Liloca estava a compreender a situação e os motivos de Milea usar a mesma capulana todos os dias.
> Aquela vestimenta no seu aparente silêncio, contava uma história do passado, que mantinha Milea no presente. Mesmo na realidade de seus dias escassos, a amizade de Liloca teimava em insistir num futuro melhor.
> [...] Esta capulana guarda o meu segredo e o de minha mamã, ela me acompanha para toda a vida!

Esclarecido o segredo da capulana, é hora de traçar uma estratégia com um olhar para o futuro. O que fazer? As duas amigas renovam o pacto "estamos juntos!". Milea pede à amiga que não revele o segredo da capulana a ninguém.

Liloca, por sua vez, aconselha sua amiga a voltar à escola e não se preocupar com as dificuldades do dia a dia. Chama, ainda, atenção de Milea para ciclo do passado, do presente e do futuro: os choques culturais existem e sempre existirão a partir do momento que nos encontrarmos em uma nova cultura; a grande "sacada" é desenvolvermos habilidades pelas quais possamos solucionar crises causados pelos choques culturais; assim, a cultura começará a fazer sentido com menos reações negativas em relação a ela e provocará "uma negociação complexa [porém não impossível!] que provoca conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação" (BHABHA, 2014, p. 21).

> Milea retomou os estudos e descobriu nos livros o conhecimento sobre lugares e povos diferentes. Encontrou palavras e novos usos para as que já conhecia.
> Descobriu-se feliz no poder de refúgio de pequenitos pedacinhos de papel e como eles podem lhe ajudar a contar a história da capulana que lhe foi presenteada por sua mãe. Assim mãe e filha permaneciam unidas por todos os tempos...

Como notamos nessa última parte do conto, temos um tipo de fase de recuperação experimentada por Milea, quando ela se deixa ser seduzida pelo prazer do aprendizado, ajustando-se efetivamente ao novo cenário cultural onde está inserida. Observamos que a solução para um choque cultural se pauta no processo de aprendizagem da adaptação à nova cultura. Isto faz com que a cultura comece a fazer sentido, como já mencionamos, e as negativas comportamentais do indivíduo se extingam conforme seu reconhecimento de sua inabilidade de adaptação à nova cultura.

Bandeira de Moçambique

Portanto, a análise comprova que o texto "O segredo da capulana" ultrapassa os previsíveis aspectos do tema choque cultural; reside no "espaço de intervenção no aqui e no agora. Lidar com tal intervenção requer uma noção do novo que sintoniza com a estética híbrida" (BHABHA, 2014, p. 28); e atinge aspectos ainda muito desconhecidos da vida infantil de crianças africanas. Finalizamos esta reflexão com a presença de Milea mais viva, humana e admirável e notamos que a assimilação de uma cultura é difícil, mas não é um processo impossível, uma vez que o sujeito não precisa abandonar suas manifestações culturais antigas, pelo contrário deve mantê-las para que construa respostas culturais e pessoais que se adapte à nova cultura.

O segredo da capulana ultrapassa os aspectos previsíveis do choque cultural.

REFERÊNCIAS:

BHABHA, Homi K. Locais da Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

COUTO, Mia. Repensar o pensamento, redesenhando fronteiras. In: MACHADO, Cassiano Elek (org.). Pensar a cultura. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013. p. 196-206.

LOPES, Ronaldo Silva; ROSA, Lúcia Regina Lucas. O segredo da capulana. In: ROSA, Lúcia Regina Lucas (org.) Contos de crianças. Cuentos de niños. Childhood stories. Canoas: Editora UNILASALLE, 2017.

AUTOR:
WENDERSON PINTO FARIAS

Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Especialista em docência de nível superior e literatura brasileira. Mestrando em memória social e bens culturais.

impacto cultural de gêneros no ambiente organizacional na contempo-raneidade

Pensar impacto cultural entre gêneros e trabalho nos incita a analisar, primeiramente, a relação do homem com o trabalho, o que nos reporta a inúmeros estudos que buscam compreendê-la, abordando-a por diferentes focos, sejam eles psicológicos, sociais, religiosos, econômicos ou filosóficos. Todas essas abordagens procuram encontrar respostas para o equilíbrio desta relação, que se apresenta, cada vez mais complexa na contemporaneidade. De nosso mundo atual derivam aspirações fundamentais que por séculos o ser humano tem buscado solucionar, que culminariam basicamente em um resultado almejado, o do desenvolvimento equilibrado entre a sua condição natural para o trabalho e a sua satisfação no campo pessoal e emocional.

Não há mais como negar ao ser social da atualidade a importância de sua completude em expressar seus sentimentos, ambições, expectativas na caminhada de seu crescimento, dentro daquilo que desenvolve e realiza. Considerando que é na relação entre o EU e o OUTRO que se constrói a identidade do EU, ou seja, esta só pode ser definida pela relação do indivíduo com ou-

tros indivíduos. Cada ser humano se completa e se efetiva no relacionamento com os que estão a sua volta. O convívio nesse ambiente do trabalho é de grande relevância na contemporaneidade e na elaboração e reelaboração da identidade cultural individual. O espaço social e cultural ao mesmo tempo em que consiste numa fonte de cooperação representa também uma arena de conflitos, frutos do impacto cultural entre gêneros. Considerando que, se a condição essencial para a existência da identidade é a alteridade,acreditamos que a constituição da identidade cultural deve ser compreendida e analisada enquanto um processo, uma dinâmica relacional de identidade e diferença (LAZARI, 2017).

O impacto cultural entre gêneros dentro das organizações, enquanto fonte de conflitos, constitui-se num dos aspectos a serem superados, e que muitas vezes, parece ainda estar à margem da discussão como algo já cristalizado e aceito pela sociedade atual.

Nesse contexto, é crucial às organizações pensarem em consolidar as habilidades e potenciais para avançar rumo ao novo conceito de trabalho, bem como aos desafios a ele inerentes. O grande desafio está em sair da zona de conforto, sendo que a qualidade de vida do trabalhador deixa de ser uma bandeira ou slogan, ou uma mera estratégia na busca da qualidade do que é produzido, para tornar-se uma realidade dentro das organizações. A constante aprendizagem dos agentes que atuam nas organizações em equipes de trabalho de multigêneros consiste em um ambiente, na esfera micro social, para embates onde a alteridade está sempre posta em "xeque". O reconhecimento da alteridade como possibilidade de construção de um novo paradigma na cultura ocidental, pode ser a chance para uma melhora na igualdade de direitos entre os gêneros dentro do mundo do trabalho. Cabendo as organizações introduzirem e implementarem tal reconhecimento à alteridade em suas práticas gerenciais e valores dentro das diferentes culturas organizacionais.

Pensar em uma alternativa emancipatória desse trabalhador, na atualidade, deve incluir uma questão fundamental, que é a efetiva emancipação da mulher das diversas formas de opressão, que ainda lhe são impostas, não só na esfera do trabalho, como nas demais instâncias sociais de convivência.

Falar em diferenças de salário, profissões tipicamente femininas ou masculinas, ainda é senso comum na sociedade ocidental atual. As lutas feministas já promoveram imensas transformações culturais e sociais. Até o momento, contudo, a fase em que nos encontramos tem em seu núcleo a maior das transformações, ainda latente, a ser promovida, que passa pelo questionamento mais radical das bases sociais da opressão feminina, o da necessidade de transformação social total.

É fato de que o ambiente organizacional tem se tornado inóspito a cada dia, o que tem afetado e muito a saúde do trabalhador, principalmente, nos aspectos emocionais e psíquicos de homens e mulheres. Parte dessas enfermidades sofre influência do impacto cultural entre gêneros, formas de agir e universos simbólicos distintos, que acabam por gerar conflito entre o reconhecimento e impedindo, muitas vezes, de um possível ajuste na aceitação do diferente nos embates com relação à alteridade entre os gêneros. A gradiente dessa variável no espaço organizacional, no que se refere a gêneros, pode variar dentro de cada cultura organizacional, contudo socialmente se mantém numa constante, a de desvalorização do gênero feminino em detrimento do gênero masculino em diversos aspectos.

Ambientes organizacionais têm afetado a saúde das mulheres, principalmente nos impactos entre os gêneros.

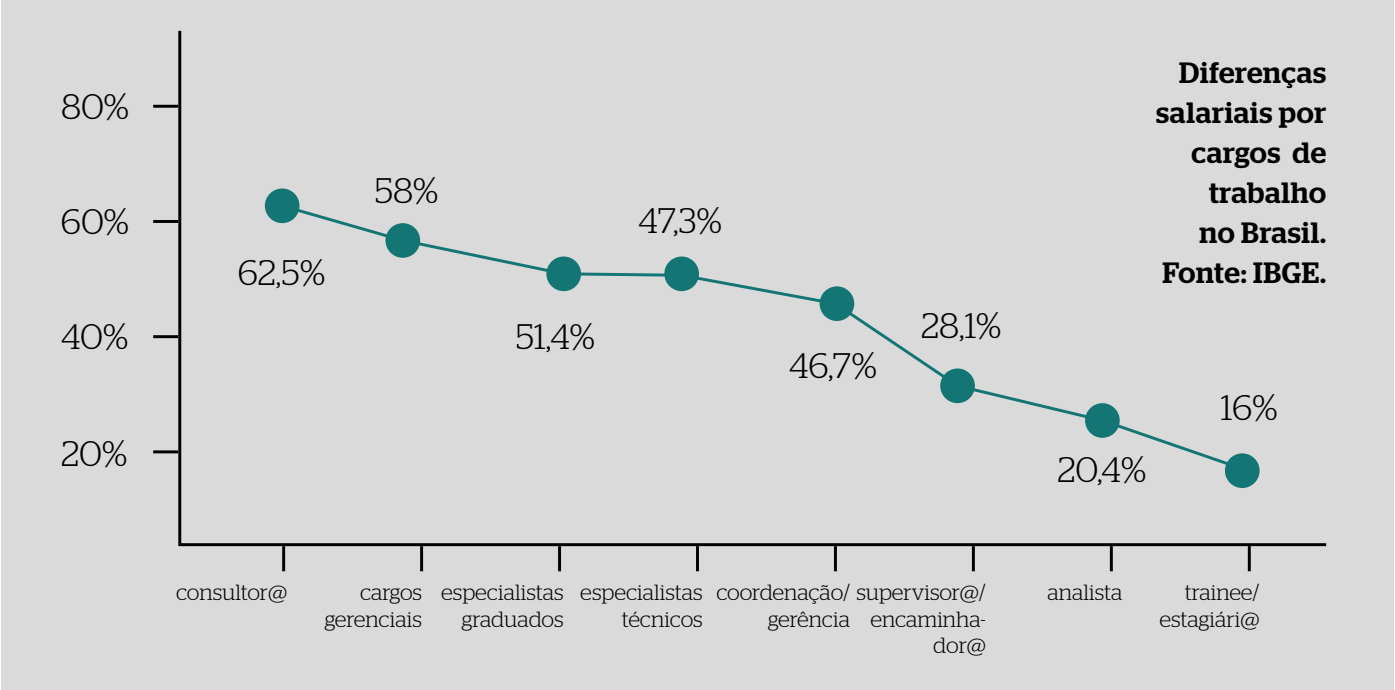
Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a renda média nacional atualmente do brasileiro é de R$

2.043, sendo que os homens continuam recebendo mais. Enquanto eles ganham, em média, R$ 2.251, a mulheres recebem R$ 1.762 (diferença de R$ 489) -7 de mar de 2017). As diferenças não param por aí, em dados apresentados em uma pesquisa da Catho verificou-se que as mulheres ganham menos do que os homens em todos os cargos (a pesquisa avaliou oito funções diferentes desde estagiários até gerentes), sendo que a maior diferença é no cargo de consultor, no qual os homens ganham 62,5% a mais do que as mulheres. Entre os cargos operacionais, a diferença entre os salários chega a 58%, e para especialista graduado é de 51,4%. Completam o ranking: especialista técnico (47,3%), coordenação, gerência e diretoria (46,7%), supervisor e encarregado (28,1%), analista (20,4%), trainee e estagiário (16,4%) e assistente e auxiliar (9%).

Quanto mais alto o cargo e a escolaridade, maior a desigualdade de gênero.

É importante salientar ainda que as mulheres representam no momento 43,8% de todos os postos de trabalhos brasileiros, dado levantado tanto no âmbito público como no privado, contudo sua participação vai caindo conforme aumenta o nível hierárquico, pois elas respondem por 37% dos cargos de direção e gerência. No topo, nos comitês executivos de grandes empresas, elas são apenas 10% no Brasil. Na média, a mulher ganha 76% do salário dos homens. Nos cargos de gerência e direção, essa proporção vai para 68%. Quanto mais alto o cargo e a escolaridade, maior a desigualdade de gênero. As estatísticas mostram, no entanto, que, na média da população, a escolaridade feminina é maior. A mulher tem oito anos de estudo, e o homem, 7,6 anos. O que se verifica é que a sociedade acaba por direcionar a mulher para um papel que restringe suas escolhas profissionais. Muitos parecem ser os motivos, dessa configuração de estatísticas, não nos vamos ater a eles no presente artigo, mas um deles com certeza são os cuidados com a família que dificulta a subida da mulher no mercado de trabalho.

Outra pesquisa revela dados do IBGE nas Estatísticas de Gênero - Uma análise dos resultados do Censo Demográfico de 2010 revelou que a escolaridade das mulheres aumentou em relação à dos homens. As estatísticas evidenciam que, no ensino médio, houve aumento da frequência escolar feminina



Diferenças salariais por cargos de trabalho no Brasil. Fonte: IBGE.

de 9,8% em relação à masculina no período considerado. A taxa feminina foi de 52,2%, para uma taxa masculina de 42,4%.Outro fator positivo foi o aumento de jovens que se mantinham cursando o nível educacional apropriado à sua idade (15 a 17 anos). O percentual subiu de 34,4% em 2000 para 47,3% em 2010. Constatou-se também um contingente maior de mulheres entre os universitários de 18 a 24 anos no nível superior, em 2010. Elas representavam 57,1% do total de estudantes na faixa etária. Consequentemente, o nível educacional das mulheres é maior do que o dos homens na faixa etária dos 25 anos ou mais. As mulheres também são "maioria nas escolas, universidades, cursos de qualificação, mas ainda recebem menos do que os homens para desempenhar as mesmas atividades e estão mais sujeitas a trabalhos com menor remuneração e condições mais precárias". Das mulheres ocupadas com 16 anos ou mais de idade, 18,8% possuíam Ensino Superior completo, enquanto para homens, na mesma categoria, esse percentual é de 11%, apontam dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) de 2014, realizada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A pesquisa indica ainda que as mulheres estão em maior número no Ensino Médio completo ou Superior incompleto: 39,1% das mulheres se enquadram nessa categoria, contra 33,5% dos homens.

Para as mulheres, no entanto, maior escolaridade e presença nos cursos de qualificação não se traduzem em maiores rendimentos, e essa diferença se amplia conforme aumenta a escolarização. As mulheres com cinco a oito anos de estudo receberam por hora, em média, R$ 7,15, e os homens, com a mesma escolaridade, R$ 9,44, uma diferença de R$ 24%. Para 12 anos de estudo ou mais, essa diferença na remuneração vai a 33,9%, com R$ 22,31 para mulheres e R$ 33,75 para homens.

O nível educacional das mulheres é maior do que o dos homens, porém seus salários são mais baixos.

Considerando a escolaridade como fator que eleva a produtividade de uma economia como um todo, além de gerar a possibilidade de melhora de salário esse com certeza é um aspecto a ser superado ainda no Brasil. Não sendo a escolaridade e o empenho de horas de trabalho, os fatores que interferem positivamente a favor das mulheres na competição equilibrada no mercado de trabalho, muito antes pelo contrário, qual seriam então os fatores que nos restariam

avaliar? Parece-nos estar em realce àqueles relacionados à cultura, e inerente a essa, o choque cultural entre os gêneros, na sociedade ocidental contemporânea.

O patamar de afirmação, igualdade ou de constituição de suas identidades culturais, enquanto gênero feminino, é o que as mulheres dentro desse ambiente produtivo, devem almejar alcançar. É o reconhecimento de sua identidade na presença do gênero masculino, para então encontrarem verdadeira satisfação e realização, posto que estariam em patamares de igualdade autêntica, na relação entre gêneros. Esse ambiente pouco amistoso exposto acima, tem sido estimulado dia a pós dia pelas culturas organizacionais vigentes, fruto de um ambiente social correspondente.

Ao abrirem mão dos dons ditos femininos, a situação salarial da mulher piorou.

Existe uma polêmica relacionada ao comportamento de cada gênero ser fruto da influência do meio cultural que vivemos ou ser decorrente de uma pré-determinação de um biótipo específico de cada gênero, no caso o referencial que aqui estamos apontando é o que pensa o meio social como influencia na flexibilização de tais comportamentos de gêneros distintos, sendo esse o principal agente modelador de comportamentos em cada gênero.

Dessa forma, as mulheres não podem esquecer que a luta feminista não propõem "tomar o lugar dos homens", mas construir para uma nova sociedade em que a mulher seja respeitada igual a COMO qualquer homem. A transformação social legítima só será possível se a mulher fizer a sua parte tentando desfazer as marcas patriarcais, ajudando a humanidade a repensar os valores e conceitos que trazem enraizados na sua vivência social e nas relações culturais do cotidiano.

É preciso participar da vida social imprimindo sua marca seu jeito de ver e sentir o mundo. Compartilho da visão que a emancipação da mulher não deve ser concebida apenas no sentido da igualdade de direitos, mas, antes de mais nada, uma afirmação de novos valores, novas exigências, novas satisfações, que o homem, nas atuais condições de produção, não pode ter. Tais exigências, que seriam essas "qualidades femininas" são as que se opõem sempre mais ao sistema de produção existente. A situação da mulher ao ser inserida no mundo da produção piorou, pois essas tiveram de sacrificar parte de suas faculdades ditas femininas para impor a igualdade de direitos. Esses novos valores e novas exigências podem ser resultado de uma combinação totalmente nova de relações, produto de um reconhecimento da alteridade que ultrapasse as fronteiras do diferente para alcançar o novo.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Cássia. Mulheres estão em apenas 37% dos cargos de chefia nas empresas - No setor público elas são apenas 21,7%. 06 de abril de 2017:4.30. Disponível em: https://oglobo.globo.com/economia/mulheres-estao-em-apenas-37-dos-cargos-de-chefia-nas-empresas-21013908#ixzz4vyvrzjjz. Acessado em: 5 nov. 2017.

HALL, Stuart. A ientidade Cultural na Pós-Modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LAZARI, Ivan Ribeiro; ROSA, Direli Weber da. Alteridade e identidade cultural na pós-modernidade.Anuário Pesquisa e extensão: UNOESC Joaçaba-2017.Disponível em: . Acesso em:10 nov. 2017.

AUTORA:
SALETE BAVARESCO

Socióloga com especialização em Psicologia na Comunicação e Coordenação em Dinâmica de Grupos. Mestre em Sociologia das Organizações e Doutoranda em Memória Social e Bens Culturais.

Antonio José de Moraes: um cirurgião português no Brasil Meridional no século XIX

"Saibam quantos este público instrumento de aprovação de testamento virem, que no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos setenta e cinco aos vinte e cinco dias do mês de janeiro do dito ano nesta Leal e Valorosa cidade de Porto Alegre em meu cartório compareceu presente a todos, digo, presente o testador Antônio José de Moraes, morador nesta cidade e reconhecido pelo próprio de que dou fé".

A transcrição acima é parte do testamento, de Manoel Alves dos Reis Louzada, Barão de Guaíba, cujo testamenteiro foi o médico, ou cirurgião, português Antônio José de Moraes, que no início do século XIX chegou na província de São Pedro, ao que parece sem muito cabedal. As informações que temos sobre sua trajetória de vida ainda são pequenos fragmentos, contudo esses fragmentos nos dão pistas de suas redes de sociabilidades e as estratégias utilizadas para ascender socialmente.

Manoel Alves dos Reis Louzada foi um agente atuante na sociedade em que viveu. Nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1785, aos cinco anos foi morar em Portugal, retornando 13 anos mais tarde, permanecendo um ano no Rio de Janeiro e em seguida transferindo negócios e residência para Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Louzada

Créditos da Imagem: Moagem na fazenda Cachoeira, Campinas, SP, Benedito Calixto, c.1920.

era o filho mais moço de 8 irmãos e pertencia a uma família de negociantes de grosso trato, com ramificações de negócios em Portugal e no Rio de Janeiro, sendo que um de seus irmãos já estava estabelecido no Rio Grande. Acreditamos que possivelmente a vinda de Louzada para o Sul esteja ligada a uma estratégia de "alargamento" dos negócios da família Louzada, quem sabe identificando na Província de São Pedro possibilidades de crescimento da região e possíveis ganhos para seus negócios.

Louzada, em Porto Alegre, abriu uma casa de Comércio e participou ativamente na política, sendo eleito suplente de deputado provincial na 1ª Legislatura da Assembleia Legislativa Provincial do Rio Grande do Sul.

O Barão de Guaíba, ao morrer, deixou uma herança avaliada em 225:301$142. Sua sobrinha e esposa havia entrado em estado de demência e, na busca desesperada pela cura, procurou amparo na família, em Portugal, e melhores condições médicas na Europa. Com a idade avançada, 75 anos, possivelmente temendo a morte, Manoel Alves dos Reis Louzada, de próprio punho, escreveu e assinou seu Testamento, legando todos seus bens a seu compadre e herdeiro universal Antônio José de Moraes.

Acreditamos que a vinda de Louzada para o Sul esteja ligada a um "alargamento" dos negócios de sua família.

O pai do Barão, português, casou com Francisca Maria de Jesus, nascida na cidade do Rio de Janeiro; o avô por parte materna casou também com uma nascida no mesmo local. Haveria uma lógica dentro dessas redes: unir a questão mercantil, já que eles eram ligados ao comércio, com ascensão e inserção social. O pai de Francisca, a mãe do Barão de Guaíba, é citado nos documentos da Cúria do RJ, casamento de Domingos e Francisca, como homem de negócios, em Braga. O avô paterno do Barão, já havia morrido quando do casamento de Domingos e Francisca. A documentação que pesquisamos não fala de seus negócios, acreditamos que eram mercantis. Resumindo, achamos que esses portugueses percebiam esse mecanismo e buscavam inserção e destaque na república através destes laços matrimoniais; por outro lado percebiam a importância do monarca, e demonstravam reconhecer tal autoridade através de pedidos de mercês - hábitos, títulos etc. - o que, na realidade, dava visibilidade a seus atos, como, por exemplo, emprestar dinheiro para construir navios para a guerra. (MOREIRA; CARDOSO, 2013, p. 16).

Antônio José de Moraes era natural da cidade do Porto, filho de Custódio José de Andrade. Acreditamos que tenha nascido entre 1791 e 1793 e teria chegado ao Brasil, mais precisamente ao Rio de Janeiro, em 1815 entre seus 22 e 24 anos.

Moraes foi casado, em primeiras núpcias, com Constança Perpétua Fernandes de Moraes, de cujo consórcio estão relacionados no inventário 11 filhos, e em segundas núpcias com Rita de Figueiredo Pinto Viégas.

Possivelmente ele tenha chegado em setembro de 1815, em Porto Alegre, pois apresenta às autoridades competentes sua Carta, habilitando-o a exercer a profissão de cirurgião nos domínios do reino de Portugal, assinada pelo Cirurgião Mor do Reino. A documentação não nos possibilita afirmar quanto tempo ele permaneceu no Rio de Janeiro e quais as motivações que o conduziram a se transferir para Porto Alegre.

A documentação que dispomos não nos permite afirmar quais foram as motivações que provocaram o deslocamento de Moraes para Porto Alegre, provavelmente informações sobre o crescimento econômico do continente de São Pedro no período Colonial tardio, mas também o próprio estado constante de beligerância, que abria espaços interessantes de inserção para um cirurgião.

Havia uma diferenciação nas atividades do físico-mor e do cirurgião-mor: o primeiro era responsável pela prescrição e fabricação de remédios, e ao segundo cabia as atividades relacionadas com as intervenções cirúrgicas propriamente ditas. Por outro lado, cirurgiões eram considerados abaixo de médicos e físicos. Partindo dessa premissa, Moraes havia chegado ao Brasil duplamente qualificado, pois fora aprovado em Cirurgia e Medicina. Todavia, aparentemente, esses atributos não foram o bastante para abrirem portas ao recém-chegado Moraes, ou, quem sabe, seus planos seriam de alçar voos bem maiores que a dita Carta lhe possibilitava.

Em 1824 Moraes solicita ser condecorado com o Hábito da Ordem de Cristo, porém seu pedido não foi deferido, sendo um novo solicitado em 1826. Essa documentação é rica, pois através dela Moraes procura se qualificar perante a Corte. Ele afirma ter exercido sua função de médico na Europa "tendo sido mandado exercer a sua arte na maior parte dos hospitais criados em Portugal, Espanha e França", e segundo o próprio não foi por motivos quaisquer. Moraes, acreditamos, tenta exaltar sua coragem e demonstrar ser um sujeito destemido, pois esses deslocamentos teriam ocorrido "durante a Guerra da Península". Moraes é apresentado como médico "aprovado em Cirurgia e Medicina", cidadão probo e honrado, ressaltando seu "ardente patriotismo". Novamente Moraes tem ressaltada sua trajetória de homem destemido, pois em 1820 se "oferecera", mesmo "gravemente enfermo", para participar "gratuitamente" na guerra contra Artigas, em especial na Batalha de Taquarembó, ombreando-se com o General Conde da Figueira, onde, além das atribuições de cirurgião, acabou "pelejando" com "denodo" e "entusiasmo".

Em 1803 ocorreu a fundação da Santa Casa de Porto Alegre e em 1814 a Fundação da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, porém a inauguração da Santa Casa ocorreu somente em 1826. Essas instituições deveriam se inspirar na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, fundada em 1498. Muito da sua sobrevivência era oriunda de doações e legados; o Estado, representado pelo Império ou pelas Províncias, não auxiliava com dinheiro diretamente, mas concedia algumas vantagens especiais através de isenção de impostos, taxas, selos e o privilégio da organização de loterias. As remunerações, como as conhecemos hoje, não havia, mas ocorriam pagamentos através de modestas gratificações pelos serviços prestados, pois na realidade todo o serviço deveria ser gratuito. Quanto aos médicos, o mais comum era um revezamento entre os médicos da localidade, que ofereciam seus serviços de forma gratuita. Normalmente as Irmandades da Santa Casa eram responsáveis pelos Lazaretos, local onde os Lázaros ficavam de quarentena, sendo que os denominados médicos Facultativos eram responsáveis pelo tratamento dado aos pacientes com a doença da Lepra. Esses profissionais eram remunerados, talvez pelo risco iminente que a própria doença propiciava, poderia ser o que hoje chamamos de adicional de periculosidade. Esses médicos Facultativos eram contratados pelas Câmaras Municipais ou pelo Governo da Província. Em 23 de fevereiro de 1845, ficou constando em Ata da Santa Casa o seguinte texto:

> Ponderando o Ir. Leonel que o cirurgião deste Hospital Antonio José de Moraes alem do grande zelo com que se presta ao curativo dos enfermos, serve-se, em todas as operações, de seus próprios instrumentos cirúrgicos, por que a Santa Casa os não tem; e que este procedimento lhe parecia digno de alguma retribuição; a Mesa resolveu que se lhe aumentasse o vencimento do 1º de Março próximo futuro em diante com a gratificação de cem mil reis (100$rs) anuais, independente do respectivo ordenado, em atenção a seus desvelos, e principalmente pela franqueza, com que tem prestado os instrumentos de sua profissão. Livro de Atas nº 5 1843-1850 (grifos meus).

Em 20 de março de 1849, consta em Ata que a Mesa deliberou sobre a "proposta do Irmão Antonio José de Moraes, Facultativo desta Santa Casa", que solicitava a transferência de dentro do Hospital "do preto Luiz pobre, lázaro". Luiz havia sido transferido de Rio Pardo. Acreditamos que a Santa Casa, no tratamento dessa doença, servia como quarentena, ou seja, o possível leproso ficaria em observação. Sendo constatada a doença, este deveria ser transferido. Foi o que a mesa deliberou ao final do documento dizendo que "fosse removido para um telheiro que com urgência deve ser feito ao lado do nosso Cemitério e que da aqui se lhe mande o alimento e o mais que for preciso, pois era a todos os respeitos muita nociva a presença e tratamento de um lázaro dentro do recinto do Hospital". Nessa mesma Ata, Moraes aparece como Irmão da Irmandade (Livro de Atas nº 5 1843-1850).

Acreditamos que a Santa Casa também servia de quarentena para o tratamento de leprosos.

Acreditamos que estes personagens, Barão de Guaíba e Antônio Moraes sejam representantes de uma elite colonial e imperial sul-rio-grandense

Fazenda Quititi, Rio de Janeiro, 1865.
Fonte: Arquivo do Instituto Moreira Sales

e que ao nos debruçarmos sobre suas trajetórias de vida consigamos aprofundar nossos conhecimentos sobre o Brasil do século XIX sobre a sociedade sul-rio-grandense. Personagens esses que demonstram através de diferentes fontes suas trajetórias e a busca de se inserir num "mundo" novo, buscando interpretar os diferentes códigos sociais que permeavam as sociedades em que viveram. Antônio José de Moraes demonstra ter as habilidades necessárias para "sobreviver" em diferentes realidades sociais, pela documentação levantada ele participou de Guerras envolvendo potentados europeus do século XIX, sem "instrumentos" econômicos ou apadrinhamentos foi abrindo brechas na sociedade porto-alegrense e criando estratégias para se inserir na alta sociedade sul-rio-grandense, nem que para isso tivesse que pegar armas em solo sulista. Contudo, percebemos que suas raízes nunca foram esquecidas, pois esteve ligado sempre com a memória de Portugal através de seu amigo e compadre, o Barão de Guaíba, que o escolheu para testamenteiro e herdeiro de uma fortuna incalculável.

REFERÊNCIAS:

BERUTE, G. S. Dos escravos que partem para os portos do sul: características do tráfico negreiro do Rio Grande de São Pedro do Sul, c. 1790-c.1825. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006. 200 p.

BICALHO, Maria Fernanda. A cidade e o Império: o Rio de Janeiro no século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BLUTEAU, Raphael. Vocabularioportuguez& latino: aulico, anatomico, architectonico. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 8 v. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br>.

BOXER, Charles R. O império marítimo português 1415-1825. São Paulo: Cia. das letras, 2002

CASTRO, Hebe Maria Mattos de. Manoel de Aguiar Vallim, um homem e sua casa. In: CASTRO, Hebe Maria Mattos de; SCHNOOR, Eduardo (Org.). Resgate. Uma janela para o oitocentos. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

COMISSOLI, Adriano. Os "homens bons" em seu nicho de poder: prosopografia dos oficiais da Câmara de Porto Alegre (1774-1794). Métis: história & cultura - v. 5, n. 10 p. 121-138, jul./dez. 2006.

FRAGOSO, João. Barões do café e sistema agrário escravista: Paraíba do sul / Rio de Janeiro (1830-1888). Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

GOMES, Luciano Costa. Uma cidade negra: escravidão, estrutura econômico-demográfica e diferenciação social na formação de Porto Alegre, 1772-1802. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt; CARDOSO, Raul Róis Schefer. Costumando Ficar uma das Chaves da Sanzalla na Mão de um Preto: Insurreição, Políticas Senhoriais e Comunidades Negras em Cativeiro (Taquari – RS – Século XIX). São Luiz (Maranhão), Anais do III Encontro de História do Império Brasileiro - Cultura e Poder no Oitocentos, 2012.

_____. Trabalhadores, insubmissos e lavradores: Ocupações escravas em uma unidade produtiva mista (Taquari, século XIX).Pelotas, Anais das VII Jornadas Regionais Mundos do Trabalho – ANPUH/RS, 2013.

PIMENTA, Tânia Salgado. Terapeutas populares e Instituições Médicas na Primeira metade do século XIX. In : CHALOUB et al. (org.) Artes e Oficio de Curar: capítulos de história social. Campinas: SP. Ed. Unicamp. 2003. p. 307-330

SAMPAIO, Antônio Carlos Jucá de. Famílias e negócios: a formação da comunidade mercantil carioca na primeira metade do setecentos. In: FRAGOSO, João; SAMPAIO, Antonio Carlos Jucá de; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. (org.). Conquistadores e Negociantes: histórias de elites no Antigo Regime nos trópicos. América lusa, séculos XVI a XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 225-264, 2007.

AUTOR:

RAUL ROIS SCHEFER CARDOSO

Graduado em Estudos Sociais e com licenciatura em História. Professor de História da Universidade LaSalle e do Colégio LaSalle Niterói, Mestre em História, Doutorando em Memória Social e Bens Culturais.

resenhas

A Memória Saturada, de Régine Robin (Editora UniCamp, 2016, 204 páginas). Tradução de: Cristiane Dias e Greciely Costa.

Neste livro, o único traduzido no Brasil pela incansável Régine Robin, e publicado pela Editora da UNICAMP, a historiadora trata não mais apenas dos abusos da memória, mas daquilo que se derrama para fora do cálice dos abusos, aquilo que satura determinados movimentos de rememoração. Como por exemplo o Holocausto e o Shoah. Além de serem muito utilizados na ficção, algumas pessoas os saturam com relatos ficcionais que se passam por verdadeiros. O mesmo pode ser dito do Velho Oeste Americano e da construção do Estado de Israel. O primeiro, abusado na forma primária da autobiografia de Buffalo Bill, sobre a qual se criou todo um imaginário e uma estética western. O segundo, sobre a memória nacional de um país que nunca existiu e que foi fabricado como reduto dos judeus após o Holocausto.

É essa memória saturada do Estado de Israel que leva a conflitos como os desse mês, em que Donald Trump reconheceu Jerusalém como capital de Israel sem nem sequer a própria nação de Israel ter pedido reconhecimento. Jerusalém é um problema de memória coletiva e nacional. É também um entre-lugar, já que não pertence nem a judeus, nem a muçulmanos e nem a cristãos e ao mesmo tempo é um lugar sagrado para todas essas culturas. O Estado de Israel e Jerusalém, as guerras e intifadas no Oriente Médio são uma prova de que o ser humano precisa de caixinhas para suas memórias, como se suas memórias fossem suas posses. E aí entra outro fator estudado por Robin neste livro: a força do esquecimento e da reconstrução das memórias. Judeus reconstroem suas memórias de Israel de acordo com sua cultura e memórias do povo. O mesmo fazem os muçulmanos e o mesmo fazem os cristãos. Cada qual com seu lugar sagrado. Mas essa sacralidade, o rito que se torna mito, o habitus da veneração não cabem dentro de um muro, de uma mesquita ou de um sepulcro, eles precisam se estender para uma cidade inteira.

Esses povos-nações, para não ficarem sem sua identidade, precisam lutar pela posse desses locais sagrados, como que se fossem despojados de sua personalidade caso estes locais fossem destruídos ou tomados por outra cultura. Num tempo em que a pós-modernidade e a internet (sim, isso também é bastante abordado por Robin, mesmo com oitenta anos, ainda ligada na tecnologia) fazem uma bricolagem de culturas influências, hibridizam-se, recolhem restos do passado e os projetam no futuro, é embasbacante ver que algumas culturas não conseguem conviver em paz. Essas culturas se mantém como inimigos jurados e figadais desde o início do mundo, como a Bíblia, o Torá e o Corão, outros três elementos de memória saturada, atestam.

O século XXI tem se mostrado, talvez, o último bastião da guerra entre tradição e vanguarda, em que esse tipo de conflito se acirra ano a ano. Nessa conclusão de embates, ou se chegará a uma memória e uma identidade pós-moderna, que irá englobar todas influências e transformá-la na sua riqueza, ou o mundo cultural entrará num colapso e será dominado por uma e tirânica cultura que irá sobrepujar todas as outras, saturar e transbordar e encher os oceanos de sua influência. Acabamos na questão: preservar ou não a memória nacional? E caso positivo, que parte dela preservar e por quê? Duas questões que o mundo globalizado pelo inglês e pela internet precisa resolver para ontem.

LIVRO RESENHADO POR GUILHERME "SMEE" SFREDO MIORANDO.

resenhas

Não há Identidade Cultural: mas nós defendemos fontes de uma cultura, de François Jullien. (Editora UniLaSalle, 2017, 89 páginas). Tradutores: Lucas Graeff, Maria Luiza Berwanger da Silva.

Nesta obra François Jullien discorre sobre a não existência de uma identidade cultural e, para tal, ele vai nos apresentando uma série de fatos, valores e imposições que a sociedade formulou erroneamente a ponto de achar que a identidade era existente, ou seja, ele percorre pelo caminho inverso, mostrando-nos que aquilo que acreditamos precisa ser repensado.

Jullien começa, portanto, por definir alguns conceitos como Universal, Uniforme e Comum e, de maneira bastante sucinta, podemos dizer que segundo o autor um dos sentidos dados para a palavra Universal é referente a uma normatização estabelecida, ou seja, não é um movimento natural, mas algo que foi definido como um "todo" uma "unidade" um "estatuto". Por Uniforme o autor define os "iguais", as "cópias", ou seja, algo que, talvez, em função da globalização alcançou uma ampla camada mundial e estabeleceu um padrão que pode ser desde um padrão estético, até mesmo um padrão de pensamento, mas o fato é que o Uniforme deixa as pessoas padronizadas, como se fossem produzidas em série. Por fim, o Comum, é o que se compartilha, é o que nos leva a produtividade, pois não é o semelhante, é justamente as particularidades postas em união, é um compartilhamento verdadeiro e que nos leva a efetividade.

Assim, o autor nos faz refletir sobre o fato de que o que realmente devemos buscar é o Comum entre as culturas, ele demonstra que o Universal e o Uniforme acaba fazendo com que uma parte, ou todas, percam suas particularidades, percam sua essência. No entanto, o Comum é a própria busca pela diversidade. Neste ponto da obra, portanto, ele traz um novo conceito - o do Distanciamento - Jullien propõe abordar o diverso pelo vies do Distanciamento e não da Diferença, pois esta seria classificatória e criaria as identidades fechadas dentro de suas fronteiras; mas aquele seria o exploratório que faz emergir outros possíveis. Através do Distanciamento abrimos um espaçamento entre um e outro e é justamente neste "entre", nesta tensão entre os polos, que somos capazes de ver o singular e torná-lo comum. Entramos em relação com o outro num movimento de partilha, deslocamento, incompletude para então produzir um novo Comum.

Jullian acredita que é encontrando esse Comum que podemos colocar as culturas em diálogo, de maneira progressiva e paciente. O autor ainda afirma que é através do distanciamento, desse "entre" que há entre as culturas que somos capazes de nos engendrar em busca do novo. Através de toda essa reflexão que Jullian nos propõe, ele finaliza ao cogitar que futuramente teremos um novo ser humano, um ser livre, sem amarras, que não é preso a uma língua ou cultura, mas que compreende que tudo que lhe é dado pela cultura é na verdade um recurso que não o aprisiona, mas que o deixa livre para circular nesse "entre" para formar novos contextos.

É definitivamente um livro que vale a pena ser lido, não só pela comunidade acadêmica, mas por todos que almejam um crescimento pessoal e ampliação de suas noções culturais,. François Julien é um filósofo francês que dentre muitas coisas estudou a língua e o pensamento chinês. A obra de Jullien toma como ponto de partida a separação entre o pensamento europeu e o pensamento chinês, assim como o diálogo entre as duas culturas. O autor é hoje um importante teórico do diálogo intercultural no contexto do mundo globalizado, considerado um dos principais pensadores franceses da atualidade.

LIVRO RESENHADO POR
CARINA NUNES FALCÃO

resenhas

Memória cultura, herança e transmissão, organizado por Zilá Bernd e Patrícia Kayser Vargas Mangan. (Editora UniLaSalle, 2017, 192 páginas).

O livro *Memória cultural, herança e transmissão,* organizado pelas professoras Zilá Bernd e Patrícia Kauser Vargas Mangan, tem com objetivo refletir questões de transmissão, tradição e herança cultural. O primeiro artigo pertence à Régine Robin com o título *Memória coletiva, memória cultural e romance memorial* que tem o objetivo de mostrar o romance memorial no qual um indivíduo, um grupo ou uma sociedade pensa em seu passado modificando-o, inventando lembranças, filiação e genealogias. Em seguida, temos *Apontamentos para uma teoria de transmissão* de Zilá Bernd no qual mostra a memória e transmissão relacionadas pelo processo fragmentário, recomeçado da rememoração, encontrando seu sentido na transmissão. *Breno da Silva Lacerda em Memória cultural e rastros memoriais em Casa da Palavra*, de Edimilson de Almeida Pereira busca marcas de memória cultural afro-brasileira na linguagem poética e a distinção identitária do poeta numa poesia rizomática disponível para a revelação transcultural. Laura Barbosa Campos em *Narrativa de filiação e espaço autobiográfico em Delphine de Vigam* mostra como se dá na obra Rien ne s'oppose à la nuit (2011) a restituiação autogiográfica da mãe de Vigam e a operalização do seu espaço autobiográfico.

Em *Diário da queda, de Michel Laub: interfaces da transmissão intergeracional*, Tanira Rodrigues Soares apresenta um narrador herdeiro de seu papel no processo intergeracional, consciente da finitude humana, registrando as memórias e permitindo que outras pessoas da família tenham acesso. Luciano Lunkes em seu *Cartas a um jovem chef: a performatividade na transmissão de saberes culinários* mostra a literatura autobiográfica dos chefs e as múltiplas formas de como Eu do autor registra suas memórias frequentemente narradas mediante histórias de superação e sucesso. Alexandra Marcella Zottis fala sobre o café colonial Bela vista e seu papel da transmissão na construção da tradição, pioneirismo, invenção e gestão familiar em *Café Colonial: transmitindo a tradição da mesa farta*. Renato Ferreira Machado, Tiago Appolinario e Jucelino Viçosa de Viçosa no texto Vitor Ramil: a milonga como memória, paisagem e revelação conceituam atravessamentos sobre memória, paisagens e forças simbólicas a partir de sua *Visão de mundo a partir do Sul em duas composições: Semeadura e Milonga de sete cidades*. Em *Transmissão e memória: reflexões no contexto da dança,* Ana Ligia Trindade e Patrícia Kayser apresentam a dança como a primeira manifestação comunicativa do homem e sua relação com a memória, registro e transmissão. Cleusa Maria Graebin, Juliana Pugliese Christmann e Paulo Roberto Ritter fazem um recorte de pesquisa sobre a reconstituição e análise de alguns fragmentos de memória de pescadores e suas responsabilidades da transmissão em *Pescadores da Praia do Paquetá: a transmissão de saberes e fazeres entre gerações*.

A memória dos modernos: da secularização ao inenarrável de Lucas Graeff e Renato Machado mostram que a memória do mito moderno de Auschwitz é a representação de lembranças, vida e sonhos interrompidos. Taiza Mara Rauen, Sandra Paschoal Leite e Pedro Romão refletem sobre os espaços de difusão da arte e da cultura em funcionamento na cidade e Joinville. E, por fim, tem-se o texto de Renata Ferraz e Judite Sanson de Bem, Theatro São Pedro: herança cultural e representações de um teatro centenário, no qual apresentam uma análise sobre a representação social, patrimônio e memória do Theatro São Pedro.

Assim, no primeiro volume da série Memória e Linguagens Culturais constata-se um estudo de produtos representativos da memória em diferentes aspectos e linguagens, relacionados à Memória cultural, herança e transmissão, título deste livro.

LIVRO RESENHADO POR WENDERSON PINTO FARIAS

Revista da Disciplina de
Mobilidades Culturais
2º Semestre • 2017/2
Ano 2 • Nº 13

CHOQUES CULTURAIS

ISSN 2358-1581

memória e linguagens culturais

mobilidades culturais

UNIVERSIDADE LaSalle